

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE FILOSOFIA

CAMILA RAISSA SANTOS TORRES

**A PROBLEMÁTICA DA EDUCAÇÃO SEGUNDO O FILOSOFO MODERNO
FRIEDRICH NIETZSCHE**

**São Luís - MA
2014**

CAMILA RAISSA SANTOS TORRES

**A PROBLEMÁTICA DA EDUCAÇÃO SEGUNDO O FILOSOFO MODERNO
FRIEDRICH NIETZSCHE**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, em cumprimento às exigências para a conclusão do curso.

Orientador: Flávio Luiz Castro Freitas

**São Luís - MA
2014**

CAMILA RAISSA SANTOS TORRES

**A PROBLEMÁTICA DA EDUCAÇÃO SEGUNDO O FILÓSOFO MODERNO
FRIEDRICH NIETZSCHE**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, em cumprimento às exigências para a conclusão do curso.

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Flávio Luiz Castro Freitas
Orientador e Presidente da banca

1º Avaliador

2º Avaliador

A minha filha,
A minha família e amigos,
Aos meus professores de tão grandiosa
paciência; todos os responsáveis pelo
que sou.

AGRADECIMENTOS

A minha filha, que é o motivo e sentido de toda minha luta.

A minha mãe e meus familiares, por todo apoio que sempre destinaram a mim.

Aos amigos, que me ajudaram a prosseguir, em especial dois amigos, Márcio Durans e Sheila Bogéa, que dedicaram seu tempo a fazer este momento possível. Silenciarei

Ao meu orientador Ms. Flávio Luiz Castro Freitas, por toda paciência e sabedoria, por suas orientações e por não desistir de mim, mesmo quando eu mesma pensei em desistir.

A todos os professores que fizeram parte da minha formação, pois todos contribuíram para este trabalho.

A todos que contribuíram direta e indiretamente para que esta monografia fosse concluída.

“Quanto mais nos elevamos, menores parecemos aos olhos daqueles que não sabem voar.” NIETZSCHE

RESUMO

O presente trabalho aborda o problema da educação segundo a perspectiva do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, visando ressaltar, a partir das obras *Conferências sobre a educação*, *III Intempestiva: Schopenhauer como educador*, *Humano, Demasiado Humano*, *Assim Falava Zaratustra*, *Considerações extemporâneas*, em que consiste o problema da educação dentro da Alemanha Moderna. Para tanto, foi necessário não tão somente a análise das obras, mas de todo contexto social em que o filósofo estava inserido, pois apesar de se tratar de obras da Modernidade, Nietzsche (2003) realiza o resgate de muitas das características educacionais da Grécia Antiga e a cultura Grega, características essas que possibilitam o direcionamento para uma proposta educacional inovadora. Portanto, o trabalho esboça, primeiramente, as críticas realizadas pelo filósofo aos estabelecimentos de ensino da modernidade, em seguida, apresenta a proposta educacional sugerida por Nietzsche na obra *Conferências sobre a educação* e por último a importância do papel do educador, dentro desse novo modelo educacional, analisada na obra *III Intempestiva: Schopenhauer como educador*.

ABSTRACT

This paper addresses the problem of education from the perspective of the German philosopher Friedrich Nietzsche, emphasizing, from the works *Conference on Education*, *Untimely III: Schopenhauer as Educator*, *Human, All Too Human*, *Thus Spoke Zarathustra*, *Extemporaneous Considerations*, where is the problem of education in the Modern Germany. Therefore, it was necessary not only as the analysis of works, but of the whole social context in which the philosopher was inserted because even though they are works of modernity, Nietzsche (2003) performs the rescue of many of the educational characteristics of Ancient Greece and Greek culture, features allowing to routing to an innovative educational proposal. Therefore, the work outlines, first, the criticism made by the philosopher educational institutions of modernity, then presents the educational proposal suggested by Nietzsche in the work *Conferences on education* and finally the importance of the educational role within this new model educational, analyzed the work *Untimely III: Schopenhauer as Educator*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	DAS CRÍTICAS ÀS INSTITUIÇÕES DE ENSINO	14
3	NIETZSCHE E O MODELO EDUCACIONAL PARA O RESGATE DA CULTURA	30
4	O EDUCADOR	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS	46

1. INTRODUÇÃO

O filósofo do qual trata a presente investigação tem grande influência no pensamento contemporâneo. Conhecido por suas constantes críticas à tradição da filosofia, Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu em Röcken, na Alemanha, no dia 15 de outubro de 1844, filho de pastores, Nietzsche percorre um caminho diferente do que seus pais gostariam e se dedica a estudar Filosofia. Em forma de crítica o filósofo alemão problematiza diversos temas constituintes da sociedade alemã e da história humana, dentre eles, a Educação na Modernidade, que por sua vez é o objeto de nosso texto.

A partir das obras *Conferências sobre a educação, III Intempestiva: Schopenhauer como educador, Humano, Demasiado Humano, Assim Falava Zaratustra*, considera-se a seguinte questão: Em que consiste a Educação para Nietzsche?

A modernidade, sem dúvida, constituiu o período de maior mudança na visão de homem e de conhecimento. Uma época baseada na efervescência da ciência, da tecnologia, descobertas e principalmente de mudança e surgimentos de teorias educacionais, conseqüentemente, mudança na cultura, é neste contexto que o filósofo ao qual destino esta pesquisa estar inserido, porém carregado de princípios e inclinações adversas a sua época, o que o possibilitou uma visão crítica sobre todo esse movimento da sociedade moderna e abandono da cultura clássica.

Nesta época a educação na Alemanha tem o papel fundamental de construção de uma unidade nacional, cujo ideal era que todos os alemães recebessem a mesma formação, para homogeneizar a cultura e o amor à pátria. O ensino alemão era dividido em três planos, o primeiro era o ensino das escolas preparatórias, o segundo plano era o ginásio, com duração, respectivamente, três e nove anos, em seguida o indivíduo poderia continuar, ou não, seus estudos nas universidades.

O problema apresentado por Nietzsche não estar exatamente no tempo destinado a cada nível de ensino, claro que esse ponto também tende a ser criticado e proposto mudanças, mas sua primeira grande crítica sobre o ensino alemão da época diz respeito a forma como era executado, segundo o filósofo o modelo de ensino valoriza demais as formas técnicas de aprendizagem, tais como a memorização e a forma expositiva de aula, assim os alunos funcionariam como depósitos de conteúdos e não como agentes do conhecimento.

Para Nietzsche a educação elaborada dessa forma realizava dois movimentos, a extensão da cultura e a redução e enfraquecimento da cultura, no que se refere a extensão é a universalização dos conteúdos e métodos de ensino para que haja um unidade do pensamento alemão, porém esta unidade era movida por uma visão utilitarista que vinculava idéia de que adquirir cultura era sinônimo de adquirir riquezas, assim a educação passou a ser tratada como um meio de capacitação para aumentar a produção, que permitiria riquezas que levaria o individuo à “felicidade”.

No que diz respeito à redução e enfraquecimento da cultura, com a super valorização da ciência, este campo foi colocado acima de qualquer outro, até mesmo pela sua característica utilitária, o que já soma ao enfraquecimento da cultura clássica, depois a divisão do trabalho no campo das ciências fez com que se formasse um numero extenso de especialistas (erudito) que era vistos como homens que detém um conhecimento superior, porem não passavam de “meros operários da ciência” e enfraqueciam a unidade da formação cultural, pois só eram conhecedores de seu campo específico e no que se tratava de assuntos relevantes da própria vida humana, o erudito se tornava tão leigo quanto aquele aluno que estava ali à busca de conhecimento. Contra este modelo educacional, Nietzsche propõem uma nova forma de trabalhar a educação e um nova visão sobre o individuo, sobre a vida, sobre a própria existência.

Portanto, observando-se os elementos constituintes das obras, perceber-se-à que a intenção do mesmo é, de certa forma, dá um novo sentido à educação, na medida em que inclui a todos como responsáveis por ela. Abordagem essa que, nos motiva a refletir, também, sobre a educação de nossos dias atuais.

Segundo o Nietzsche, a educação, a cultura e a filosofia são determinações da natureza que busca sua própria realização. Essa preocupação com a educação dos jovens aparece evidenciada em duas de suas obras: Conferências sobre a educação e III Intempestiva, Schopenhauer como educador, de um lado apontando métodos e objetivos para as instituições de ensino, por outro reforçando a função da filosofia no que tange a educação moral e intelectual dos indivíduos e em ambas as obras demonstra a insatisfação com os estabelecimentos de ensino da época, assim como também com a própria cultura moderna alemã. Por meio do diagnostico do mundo moderno, o filósofo refere-se às “idéias modernas” como valores medíocres que destinavam os jovens ao conformismo e a submissão, onde a

cultura estar vinculada a produção da indústria e política, onde o ensino das reflexões filosóficas fora trocado pelas atividades utilitárias determinadas pelo Estado.

Assim, Nietzsche conduz uma investigação sobre os estabelecimentos de ensino alemães, desde as escolas primárias às universidades, as estruturas pedagógicas da época intencionavam a formação de “homens comuns”, o número de trabalhadores institucionalizados era mais importante que a qualidade intelectual, contudo, a cultura jamais poderia se desenvolver enquanto a educação, a base de formação do indivíduo, está baseada apenas em objetivos utilitários, o que há como consequência das “idéias modernas” é a formação e extensão de uma “pseudocultura”.

Para Nietzsche, o ginásio não tinha condições necessárias para preparar o aluno para uma cultura superior, o que impossibilitava o desenvolvimento intelectual dentro das universidades e, estas também não estavam interessadas em educar e sim em formar um cidadão apto para o trabalho e reprodução da “pseudocultura”.

Atribuía-se aos estudantes uma “liberdade acadêmica” mais um método de conservar o jovem na imaturidade e mediocridade, o que mascarava a condição de sua formação limitada distanciando as relações pedagógicas entre professor e aluno. Tendo as críticas acima citadas, o posicionamento do filósofo sobre a cultura de sua época, chegamos ao problema, se o que se tinha nas instituições de ensino era uma educação “decadente” e “mediocre”, em que consiste então, para Nietzsche, a educação?

Portanto, observando-se os elementos constituintes das obras, perceber-se-à que a intenção do mesmo é, de certa forma, dá um novo sentido à educação, na medida em que inclui a todos como responsáveis por ela. Abordagem essa que, nos motiva a refletir, também, sobre a educação de nossos dias atuais.

2 DAS CRÍTICAS AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

Conhecido como “filósofo das marteladas” pela característica peculiar de minar teorias filosóficas que instauraram falsa veracidade no percurso da história da filosofia, Nietzsche (2004) acaba por trabalhar inúmeros temas através de suas críticas, dentre eles o problema da educação. É a partir desse ponto, considerando as obras *Conferências sobre educação, III Intempestiva: Schopenhauer como educador, trechos do Humano, Demasiado Humano, Assim Falava Zaratustra* que se descreve a importância da visão de nietzschiana de educação para o contexto da Filosofia atual.

Na obra *Conferências sobre a educação*, escrita em forma de cinco textos, cuja maioria está em diálogo, Nietzsche (2004) apresenta a solução ou tentativa de dar uma solução para o problema educacional que se instalava na época, se trata de uma nova concepção de educação, exigindo novos conteúdos, formas, objetivos e métodos de ensino. A primeira mudança está na formulação dos parâmetros curriculares, para o filósofo as diretrizes educacionais deveriam ser elaboradas por estudiosos, educadores e filósofos e, não por burocratas que só almejavam beneficiar a si próprios e ao Estado.

Em segundo, as bases dos currículos escolares reforçariam a afirmação da necessidade da filosofia e da arte no ensino básico. E no que diz respeito ao processo pedagógico é necessária a autoridade do homem cultivado sobre os jovens que ainda estão em fase de amadurecimento, ou seja, é necessário que o educador mantenha uma autoridade sobre os alunos para que estes possam desenvolver uma “cultura autêntica” e isso exige um tempo de dedicação de ambas as partes.

A incumbência da educação é, então, fazer compreender, através da experiência pessoal dos estudantes e dos incentivos recebidos dos mestres cultivados, os grandes pensadores do passado, porque neles se encontram o saber e a experiência que fizeram e transformaram a cultura e deram a ela um estatuto mais elevado; pois a cultura autêntica não deve absolutamente ser confundida nem com a erudição nem com o jornalismo moderno, isto é, nem com a comodidade de uma disciplina especializada nem com a mediocridade de uma linguagem bárbara. (CORREIA, 2003, p.13)

Dessa forma, seria necessário transformar a educação para que ela seja instrumento formador de homens que se voltem contra a “pseudocultura” das grandes massas, construindo uma nova política educacional que pudesse reduzir o número de escolas de alto nível, pois se trata da formação de indivíduos selecionados pela própria natureza. Além disso,

deveria diminuir o número de profissionais nessas instituições para melhor focar o objetivo educacional, diminuindo a presença de homens sem vocação para o magistério.

a própria natureza não destinou senão um número infinitamente restrito de homens, e, para o feliz desenvolvimento destes, basta um número muito mais restrito de estabelecimentos de ensino superior; e aqueles que por carência se sentem menos favorecidos nos estabelecimentos de hoje, que são concebidos para as grandes massas, são justamente os únicos para quem há de fato um sentido em fundar algo deste gênero. (NIETZSCHE, 2003, p.88)

Para Nietzsche (2004) a cultura superior não pertence, nem deve pertencer, às grandes massas. A educação é uma determinação da natureza e como tal dar dons aos homens, sua prodigalidade não dar dons a todos os homens, portanto a cultura superior, “cultura aristocrática” é uma dádiva de alguns poucos indivíduos excepcionais.

Ao falar de cultura, Nietzsche (2004) vai para além dela, faz crítica a própria visão que se tem de indivíduo na modernidade, o homem como “indivíduo produtivo” o que reforça a passividade do homem diante do Estado e instituições já estabelecidas. Contudo, ainda distingue no que diz respeito à vida humana, três tipos de homem que ele vê desenvolver na modernidade: o “homem de Rousseau” revolucionário, que tenta restaurar a natureza perdida, mas no fundo quer a igualdade e se torna uma “antinatureza”; “o homem de Goethe” sensível e contemplativo, cujo conservadorismo o determina e “o homem de Schopenhauer” solitário, corajoso, é nesta figura que Nietzsche (2004) vê o modelo de educador, uma saída para libertação dos jovens, no pessimismo de Schopenhauer estar às armas para apresentar uma alternativa à barbárie do mundo moderno.

Através da figura do filósofo solitário que se rebela contra o conformismo das grandes massas, mantendo autonomia da visão filosófica, apresentando-se como educador para a vida, das lições, estão o mal e dor, como partes integrantes do mundo.

Entretanto, muitos obstáculos estarão diante da nova proposta educacional, a começar pelo que Nietzsche (2004) chama de “três egoísmos da modernidade”, primeiro o egoísmo dos negociantes que põe o dinheiro e suas posses acima da intelectualidade disseminando o ideal de quanto maior a riqueza material maior a felicidade do indivíduo.

O egoísmo do Estado que só se preocupa em adequar os estudantes às instituições já existentes e trabalha com os interesses do mercado. E por último o egoísmo da ciência que se rebela contra a Filosofia e tem o conhecimento técnico – científico como a única forma de conhecimento verdadeiro, onde a cultura é vista apenas como produto dos avanços científicos.

As escolas se transformaram em “escolas profissionais” e as universidades em “escolas especializadas”. A padronização do conhecimento impossibilita que os homens dotados pela natureza de superioridade intelectual cheguem a alcançar o nível superior, a

educação que lhes é dada desde o início só os ensina à submissão e ao conformismo. Todo o modelo educacional que o filósofo acreditava e desejava não existe nas instituições da época.

chamado de “cultura clássica” era agora somente um ideal de cultura que flutuante e inconsistente que não podia se desenvolver no solo dos nossos meios de educação, e, por outro lado a visão do fato de que aquilo que se designava agora pelo eufemismo corrente e incontestável de “cultura autêntica” só tinha o valor de uma ilusão pretensiosa, cujo efeito mais notável era a circunstância de que a própria expressão “cultura clássica” ainda continuava subsistindo e não perderia ainda sua sonoridade patética. (NIETZSCHE, 2003, p.85)

As escolas e universidades visavam empregos já estabelecidos e conduziam os jovens a eles. O Estado aparece na visão de Nietzsche (2004) como o fio condutor da formação alienada dos alunos e dos professores. E a cultura que deveria estar desvinculada de suas determinações, estar a serviço das vontades do Estado e sua visão conformista de obter lucros. Enfim, chega ao ponto culminante de suas considerações a cerca das instituições da época como decadência da civilização, os que falavam de grandeza e formação coletiva eram formadores da “barbárie” emergente. Tudo estar em decadência, iniciando nos estabelecimentos de ensino.

Desta forma, as críticas que Nietzsche (2004) faz ao ideal de educação que estar estabelecido nas instituições de ensino da Alemanha Moderna não são apenas à Alemanha, mas às teorias educacionais que estavam sendo desenvolvidas, tais como o ensino técnico e liberal. O modelo de educação universal reprime a criatividade do indivíduo e conseqüentemente sua vontade de potência eliminando o desenvolvimento de sua autonomia. Não se trata de destituir estas instituições, mas de não torná-las universais, esta idéia fica claramente afirmada na obra Schopenhauer como educador, quando a figura do mestre diz que a “humanidade tem que trabalhar continuamente para educar homens grandes, individualmente” (NIETZSCHE, 2003, p. 69).

A valorização da ciência em detrimento da arte é sem dúvida a maior crítica a educação moderna, segundo o filósofo, a existência humana não estar baseada em descobertas científicas, mas na autonomia do indivíduo, na subjetividade, o racionalismo moderno vem quebrar o vínculo que o homem tem com a natureza e consigo, em sua inteireza.

O problema da educação, inteireza, estar na maneira como o próprio homem a vê e ver a si mesmo. Além disso, de acordo com Nietzsche (2004) o sentido da vida humana não reside nas instituições, mas na existência humana. Dessa forma é necessário sim adestrar um aluno, fundindo a vida e a cultura, para que este se aproprie de um legado cultural e história e só então possa utilizá-lo de forma autônoma, mesmo que seja contra os ideais do Estado.

No 1º prefácio da obra *Conferências sobre a Educação*, que não se trata apenas das instituições de ensino alemãs, mas de toda estrutura educacional vigente. Para delimitar melhor o que esta forma educacional faz com a cultura, Nietzsche (2004) busca em dois distinguir dois movimentos, o de extensão da cultura e o de redução da cultura, formando a pseudocultura. As instituições de ensino põem a cultura abaixo do Estado que tem como objetivo homogeneizar e enfraquecer a cultura.

Em um ambiente em a ligação com a natureza é intensa, Nietzsche (2004) revela através de sua obra experiências da juventude e realiza em forma de diálogo entre um jovem e seu mestre a abordagem sobre o problema da educação. Mas em que realmente consiste o problema da educação para Nietzsche?

A própria descritiva da situação em que houve o diálogo acerca do futuro de nossos estabelecimentos de ensino já indica a pretensão sobre o que pode ser considerada uma experiência educacional legítima. Não se trata de salas de aula e metodologia técnicas de ensino, mas de ambiente cuja natureza e o homem se misturam em uma só contemplação. É neste ambiente, em situação quase que “romântica” que Nietzsche (2004) inicia sua crítica aos estabelecimentos de ensino. Em forma de diálogo Nietzsche (2004) expõe sua preocupação acerca da educação.

No diálogo as críticas aparecem cada vez mais diretas. Ao levar em consideração a não preocupação dos jovens a respeito de qual profissão seguir, Nietzsche (2004) expõe claramente os julgamentos sobre a forma sistemática que o Estado organizará a educação.

A exploração quase sistemática que o Estado fez destes anos, na medida em que quis o mais cedo possível atrair para si funcionários utilizáveis e se assegurar, através de exames excessivamente rigorosos, da sua docilidade incondicional. (NIETZSCHE, 2004, p. 58)

No início do debate efervescente entre o mestre filósofo e seu discípulo, personagens do diálogo nietzscheano, o filósofo alemão deixa claro que o conhecimento da cultura autêntica não é destinado às grandes massas, mas o ideal predominante na época é de que a maioria das pessoas luta para adquirir cultura, trabalham para manter a cultura, porém na verdade não passam de aparelho da cultura que se dedica para manter, mesmo que nem tenha conhecimento disso, a poucos o acesso à cultura.

É importante ressaltar que, em momento algum, a educação e a cultura são vista e analisadas separadamente e voltando-se para a cultura moderna Nietzsche (2004) evidencia

que as duas correntes aparentemente opostas, dominam os estabelecimentos de ensino, possibilitam está decadência cultural, a tendência de extensão e redução da cultura.

No que compreende a extensão da cultura, trata-se da ampliação máxima da mesma, “a cultura por diversas razões deve ser estendida a círculos cada vez mais amplos” (NIETZSCHE, 2004, p. 61). Sendo um dos dogmas da economia política, disseminar a idéia de que quanto maior o conhecimento da cultura, maior será a produção e retorno financeiro e também a felicidade. O objetivo da cultura é a utilidade, mais especificamente o maior ganho de dinheiro possível.

a cultura deve mais ou menos ser definida como o discernimento graças ao qual alguém se mantém no ‘cume de sua época’, graças ao qual se conhece todos os caminhos que permitem mais facilmente ganhar dinheiro, graças ao qual se possui todos os meios pelos quais se dá o comercio entre os homens e os povos. (NIETZSCHE, 2004, p. 61)

Formar cidadãos correntes é o foco dos estabelecimentos de ensino norteados por esta tendência, a função das instituições acaba por ser meras formadoras de homens produtivos que ao atingir o cume de uma cultura que possibilite a eles ganho financeiro, não seria necessário mais nenhum conhecimento ou se quer aprofundar o saber que se diz ter.

Nesse contexto há uma união entre inteligência e propriedade que toma o valor como exigência moral. Ora, se a cultura significa ganho de bens materiais, então, quanto mais rápido adquiri-la mais rápido terá também riquezas, desta forma Nietzsche (2004) relata a primeira corrente que conduz à decadência a cultura autêntica.

Nietzsche (2004) expõe outros fatores que apóiam essa expansão da cultura. O exemplo citado na primeira conferência é, o de países que o temor da opressão religiosa é tão grande que toda forma de conhecimento que venha a diminuir o poder das instituições religiosas é bem vindo com muito bom grado, em outros países o domínio é realizado pelo Estado, que deseja a expansão máxima da cultura para garantir sua própria existência, é claro que esta cultura que deve ser expandida, está a favor dos objetivos do Estado de se manter sempre forte e com o maior numero de homens felizes e que defendam o valor e a importância do novo ídolo.

Para compreender a tendência à redução da cultura, parte-se das características da modernidade, onde as descobertas das novas ciências e a produção são de suma importância. As ciências nesse contexto ganham um campo de estudo cada vez mais extenso de grandes produções e aquele erudito, agora especialista em alguma das inúmeras áreas da ciência, também tende a provar a utilidade de seu conhecimento. Tornar algo útil implica em produzir,

logo aquilo que deveria ser conhecimento de todos e outros faz com que o erudito seja mero reproduzidor de um ideal do Estado.

A partir desse momento de redução da cultura, conhecimento e conteúdos aplicados nos estabelecimentos de ensino são cada vez mais superficiais. O mercado exige uma mão de obra qualificada o mais rapidamente possível, por isso não há aprofundamento em quaisquer conteúdos e o erudito conhece apenas a parte que cabe a sua especialidade.

um erudito, exclusivamente especializado, se parece com um operário de fábrica que, durante toda sua vida, não faz se não fabricar certo parafuso ou certo cabo para uma ferramenta ou uma máquina determinada, tarefa na qual ele atinge, é preciso dizer, uma incrível, virtuosidade. (NIETZSCHE, 2004, p. 64)

Através dessa exposição nos *Escritos Sobre a Educação* é evidenciado a complementação entre estas duas tendências, enquanto uma pretende atender aos interesses do Estado pretende a ampliação dessa cultura reduzida ao maior número de pessoas possível.

Apesar de direcionar sua crítica aos estabelecimentos de ensino, Nietzsche (2004) não ataca a implantação das escolas técnicas e os objetivos a quais estas se propuseram, mas critica sim as demais instituições que visam a educação de terem se tornado meras escolas profissionalizantes.

Em sua segunda conferência, Nietzsche (2004) se refere à decadência instaurada pela pedagogia da época e pelos ideais forjados no ginásio, a preocupação com este estabelecimento de ensino é ainda mais clara, resolução de problemas neste campo torna-se o foco de suas críticas já que a decadência da cultura em todas as outras instituições derivam-se do ginásio.

A mídia, mais especificamente o jornalismo, tem papel fundamental nos movimentos de redução e expansão da cultura, o jornalista substitui segundo Nietzsche (2004), o grande gênio, como homem do momento fornece apenas dados de cultura reduzida e os fornece de maneira que ludibrie e fascine essa facilidade de acesso ao jornalismo fortalece o movimento de expansão, pois se o conteúdo é digerido, com informações que apenas disseminam os interesses do Estado, logo será mais fácil também ampliar estas informações para o máximo número de pessoas possíveis.

Quando Nietzsche (2004) se volta para os estabelecimentos de ensino, é na crítica ao ginásio que percebe-se a preocupação com a formação de uma boa base e análise da estrutura da língua alemã estudada na época. O ginásio torna-se mais importante do que a Universidade, pois é a base da formação de um indivíduo e neste ambiente se constitui o início de domínio da língua alemã.

Em sua crítica a forma como a língua está sendo ensinada, Nietzsche (2004) retoma ao movimento de redução da cultura, prontamente como uma língua desconfigurada e vulgar.

O ginásio em sua forma primitiva, já não forma para a cultura, mas sim para erudição, e na forma em que se encontra nem sequer a formação para erudição consegue alcançar, mas unicamente para o jornalismo. Portanto, o filósofo propõe que, na época, o ginásio é um falso estabelecimento de ensino, onde a língua materna é trabalhada através da erudição histórica, ou seja, estuda-se a língua materna como uma língua morta em contato com a atual língua (viva).

O estudo histórico da língua fornece aos jovens uma visão de algo que parece ultrapassado e deve ser abandonado aos poucos a língua é ensinada apenas como ferramenta para erudição. Se o jovem toma o próprio dialeto como algo ultrapassado, ou, apenas como uma mera ferramenta, o que dirá e fará com a leitura dos clássicos? No ginásio o próprio professor semeia uma compreensão grosseira e superficial dos textos clássicos, compreensão esta que logo se fará como crítica, que em seguida será expandida como análise aprofundada dos clássicos.

Como se aquele aluno que não consegue compreender a dimensão e grandeza da sua própria língua pudesse absolver de um trabalho tão superficial toda essência de uma cultura apresentadas nos livros clássicos que deveriam ser apropriados pelo ginásio.

Encontramos em todo lugar a tendência de lidar com a língua materna através da erudição histórica: quer dizer se usa dela como se fosse uma língua morta e como se não houvesse nenhuma obrigação em relação ao presente e ao futuro desta língua. A forma histórica se tornou a tal ponto comum na nossa época, que o corpo vivo da língua foi, ele também, sacrificado a seus estudos anatômicos: mas a cultura justamente quando se começa a tratar o vivo como vivo, e a tarefa do mestre da cultura começa pela repressão de um “interesse histórico” que em todo lugar procura penetrar, lá onde é preciso antes de mais nada agir, adequadamente, e não conhecer. (NIETZSCHE, 2004, p. 70)

Exigir do aluno, de forma prematura, a produção de texto em que o próprio se coloque como centro da narrativa é dos equívocos comumente feitos pelo ginásio. Ao iniciar o estudo da composição alemã, o professor de ginásio tende a enfatizar a necessidade de construção de uma personalidade que deve ser demonstrada através da produção de escrita, pois bem, o aluno que ainda não conhece, realmente, a língua materna, que não teve o contato mais aprofundado com autores clássicos, se vê ali cobrado por uma produção que ainda não está preparado para fazer. E por mais que este aluno ainda assim, no decorrer do percurso

acadêmico, tenha contato mais com a cultura clássica, demonstrará na sua escrita as conseqüências dessa triste exigência, que empobrece o desenvolvimento do espírito.

O movimento de autonomia exigido ainda no ginásio e nos primeiros anos dele é em si tão rico de características do espírito que seria necessário a reflexão mais cautelosa sobre este momento. O aluno está diante da obrigação de sua primeira produção original, embriagado pela idéia de autonomia, a qual é essa exigida com pouquíssimo preparo, estimulado pela preocupação de ter suas características reconhecidas e valorizadas, este espírito se cristaliza ali, no instante em que se é exigido dele muito mais do que lhe foi desenvolvido.

As conseqüências ao espírito dessas características do ginásio são ainda maiores quando se analisa a maneira como é vista pelo professor esta primeira produção. Em qualquer tempo da história o professor é tido como um referencial, como um norte condutor para o aluno, quaisquer critica realizada por este personagem, marcará todo o desenvolvimento do aluno.

Nietzsche (2004) evidencia a partir do trabalho de produção exigido pelos alunos a preocupação com o papel do professor nos ginásios e a importância deste educador no desenvolvimento do espírito de cada um dos alunos e, principalmente, no desenvolvimento dos espíritos livres que ali poderão estar. A critica se remonta na seguinte seqüência, primeiro, a língua materna não é trabalhada como se devia, segundo o trabalho realizado da literatura clássica está cada vez mais superficial e efêmero, terceiro é exigido uma autonomia de produção dos alunos sem que estes estejam preparados, quarto, o professor ao se deparar com as primeiras produções originais de seus alunos, critica justamente a exigência citada anteriormente, a autonomia.

É claro que um jovem em sua ebulição, natural da idade, tenha uma verdadeira tempestade de reflexão, como estas não são desenvolvidas e aprofundadas, parece obvio que estarão de forma desordenada nos textos, mas a critica cruel realizada pelo professor está marcada neste ponto, a originalidade e as características do espírito são diminuídas em prol de uma medíocre uniformidade. A extensão das potencialidades daquele aluno é repreendida por aquele que deveria valorá-las e desenvolve-las.

Exige-se aí, originalidade, mas se rejeita a única originalidade que é possível nesta idade: supõe-se aí uma cultura formal, a qual agora somente um numero absolutamente pequeno de homens em idade madura pode alcançar. (NIETZSCHE, 2004, p.73)

No ginásio todos são considerados capazes que compreender e escrever literatura, capazes de expressar suas opiniões sobre grandes obras e personagens e ao mesmo tempo há a repressão sobre qualquer pretensão de autonomia que fuja ao padrão, a questão é que nesta idade ainda não se tem a base para expor opiniões solidas, a repressão destas pode vim a inibir qualquer outra tentativa de expressá-la. Ainda pode existir outra consequência, imaginemos que não haja a repressão feita pelo professor e que seu texto seja coberto elogios, em muitas vezes dispensados de má vontade, que faça nascer a sensação de auto-satisfação no aluno, novamente o espírito é cristalizado, antes mesmo de iniciar seu desenvolvimento.

Sua denuncia a maneira como o ginásio tende a produzir de modo apressado e vão seus alunos, é também sua denuncia as bases dos traços literários do jornalismo.

Percebe-se que, segundo Nietzsche (2004), a fundamental estrutura que falta ao ginásio é justamente uma das mais simples e cruciais, a língua materna e por isso que a instituição base da formação pedagógica está também em decadência. Como desenvolver conhecimentos posteriores se a parte mais básica não foi em se compreendida? Como esperar dessa educação espíritos em pleno desenvolvimento, homens verdadeiramente, cultos? A cultura nasce da língua, se esta não é exercitada e é até considerada como ferramenta morta, em uma abordagem histórica, o que esperar então da cultura?

O ginásio não tem condições de implantar a cultura verdadeira e autêntica e sobre tudo obediência e hábito, os eruditos vinculados a ciência e a literatura jornalística são o resultado dessa falta de alicerce evidenciado nos ginásios. Não é difícil encontrar neste campo aquele que tem a sua, unicamente a sua, leitura sobre os clássicos e o destina aos alunos como uma interpretação inquestionável, um salto vazio para compreensão da Antiguidade.

Nietzsche (2004) percebe que as tentativas de resgate da pedagogia helênica, cultura helênica, foram, até a época, em vão. Que o mais próximo de uma relação entre os clássicos da Alemanha moderna e os clássicos da cultura da Antiguidade Grega não passam de leve ruído das proximidades dos muros do ginásio, logo neste campo tão rico de material em sua pura extensão do espírito, lugar tão fértil de se conquistar um despertar para cultura clássica. E muito dessa incapacidade atribuída ao ginásio surge dos próprios mestres do ginásio que não são, também, capazes de perceber a cultura clássica que dirá trabalhá-la para desenvolver nos jovens este resgate.

Logo no início da terceira conferência, Nietzsche (2004) enfatiza dois pontos fundamentais a qual destina sua crítica: o de que o que devia ser chamado de cultura autêntica é agora somente um ideal inconsistente que não pode se desenvolver no campo da educação e

de que mesmo que não haja mais esta “cultura autêntica” o que se este ideal é sim a própria expressão da cultura, ainda não perdera a sonoridade de cultura.

E, apesar de haver no interior das instituições de ensino o abandono da língua materna, a contradição de exigir uma autonomia de padrões pedagógicos fracos, a introdução de orientações históricas com um viés científico e não prático, o descaso pela literatura clássica através da valorização dos textos jornalísticos, a não construção de bons hábitos, ainda assim todos estes mecanismos eram considerados como fundamentais para a construção de cultura, para a formação de homens cultos, inseridos no campo social, e aceitos pelo Estado.

O número crescente de instituições de ensino determinam, conseqüentemente um número crescente de professores do ensino superior, que, em sua grande maioria, não estão ali por vocação ou por se preocuparem com a problemática da cultura e da educação, na verdade muitos desconhecem ou preferem desconhecer esta questão, estão ali apenas para atender as demandas do Estado e da sociedade de produção.

Não que todos estes estejam desprovidos de visam crítica sobre a pedagogia a qual servem, mas estão acomodados a ela, aquele que conseguir despertar a busca de novos ares para os estabelecimentos de ensino mais básicos, pode ali, no ginásio conquistar o número considerável de recrutas para transmissão e propagação de tal estado de espírito.

Porém se houver uma observação mais cautelosa sobre a jovem geração de filólogos perceber-se-á que não há neles nenhum pudor ao adentrar no campo de investigação sobre a cultura grega, há sim uma reprodução sem qualquer questionamento sobre ou reflexão, há sim uma excitação ao conseguir compreender momentos básicos, entretanto de forma muito superficial, a tendência de todo ele é de esquadrihar e resolver o solo grego sem qualquer prudência, resolvem investigar de forma constante e com uma tal imperícia desmedida, que assustam qualquer espírito que se dedique a compreender a Antiguidade. Apesar das boas pretensões de erguer a estátua grega, antes enterrada, o fazem com forças insuficientes e que se baseiam na cultura moderna, não mais na originária.

Torna-se assim um grande número de filólogos que chegam a declarar inútil o contato direto com a cultura clássica, muitos se dedicam a lingüística, um campo renovado e diretamente relacionado a utilidade prática, que visa objetivos práticos. Mas, mesmo aquele filólogo que considera a Antiguidade como inútil e ultrapassada, ainda tem de ser professor e deve justamente ensinar algo sobre os autores antigos, sobre os quais ele jamais conseguiu

desenvolver qualquer impressão, por considerá-los inúteis, ou seja, a Antiguidade não lhe diz nada e, por conseguinte, ele não tem nada a dizer sobre a Antiguidade.

O grego e o latim, não fazem parte da estrutura educacional dos ginásios, são trabalhados meramente como conteúdos históricos, assim sendo, faz-se dos ginásios verdadeiros viveiros da erudição, não apenas como um efeito secundário natural de uma cultura dirigida aos objetivos nobres, mas viveiros onde a são formados gladiadores dessa elegante barbárie cuja dar-se o nome de atual cultura alemã.

A notória crítica aos meios de imprensa, expressa a preocupação nietzscheana com a tendência a extensão da cultura, até mesmo quando se fala sobre os numerosos ‘mestres’ modernos, volta-se para o papel da mídia jornalista que dissemina que a verdadeira educação está nas mãos desses homens que mal a compreende. É nestes meios de imprensa que são divulgados os gritos dos mais medíocres formadores: “Nós somos a cultura! Nós somos a educação! Nós estamos nos cumes! Nós estamos no vértice da pirâmide! Nós somos a meta da história universal!”. Idéias e promessas divulgadas em jornais e revistas dão a falsa credibilidade a esta ‘pseudocultura’.

Compreende que este número crescente de estabelecimentos de ensino e de professores nada mais é do que a exigência do Estado, torna claro a influencia que este tem na modernidade sobre as instituições de ensino, a intromissão do Estado moderno nas questões particulares a educação na tentativa de justificar as demandas da sociedade em que esta figura é o ‘novo ídolo’.

O Estado empregou às instituições de ensino a cultura baseada em seus interesses, e vende a idéia através do jornalismo que o ginásio é o “ápice da época” fazendo aí florescer todas as regras que impulsionam o maior número possível de alunos as instituições básicas de ensino, em seguida o Estado atribui determinados privilégios que se refere ao serviço militar, o que resultará em um numero de funcionários bem maior.

Com este movimento de interferência do Estado nos estabelecimentos de ensino, os ginásios estão sobrecarregados de alunos e atribuições, o que justifica a necessidade de se criar cada vez mais instituições de ensino que propaga ainda mais a pseudocultura, que normatiza os interesses do Estado ao maior numero de pessoas possíveis.

Este fenômeno novo e em todo caso original: o Estado aparece como o mistagogo da cultura e, ao mesmo tempo que persegue seus próprios fins, ele obriga a todos os seus servidores a só se apresentarem diante dele munidos da luz da cultura universal do Estado: sob esta luz turva, eles devem reconhecer nele o objetivo supremo, como aquele que recompensa todos os seus esforços na direção da cultura. (NIETZSCHE, 2004, p. 98)

Este modelo educacional é tão perigoso, segundo o Nietzsche (2004), pois ele cita no final da terceira conferência o exemplo a Prússia e da interferência que o Estado teve na delimitação do sistema educacional, e como também os ginásios aderentes a este modelo são tidos como exemplos a serem seguidos, evidentemente que por puro interesse dos outros Estados, ao perceber que este modelo traga benefício para estabilidade das forças do Estado, desejam também implantá-los, tal qual ocorre com o serviço militar obrigatório que se tornou completamente popular.

Toda educação que visa a produção, que visa exclusivamente a utilidade, não pode ser considerada como uma educação voltada para a cultura, toda educação que deixa vislumbrar um cargo de funcionário é apenas um caminho que pode percorrer aquele indivíduo para se salvar e proteger sua própria existência, mas não se pode admitir que este estabelecimento que preparam homens para o combate utilitarista são estabelecimentos de cultura. Estabelecimentos formados de funcionários, estabelecimentos que, em todo caso, são ordenados até através de uma “injustiça criminosa” (NIETZSCHE, 2003, p. 103).

O Estado é visto como estrela-guia cultural. “Ainda em algumas partes há povos e rebanhos, mas entre nós, irmãos, entre nós há Estados” (NIETZSCHE, 2003, p. 105).

Na obra *Assim Falava Zaratrusta*, Nietzsche (1999) expõe o que seria o Estado na modernidade, trata-se do mais frio dos monstros que se dissemina a mentira: *Eu, o Estado, sou o povo*. Pois bem, cada povo cria a sua própria linguagem para falar sobre o bem e sobre o mal e cria também suas regras e seus costumes, mas onde há Estado há mentira a cerca do bem e do mal, este *monstro* objetiva homogeneizar as suas idéias de bem e de mal para dominar o povo, prega a morte, servidão aos interesses, como vida, conquistando um grande número de adeptos que propagam seus ideais e que se sacrificam a servir este novo ídolo.

Estado chama-se o mais frio dos monstros. Mente também friamente, e eis que a mentira rasteira sai da sua boca: “Eu, o Estado, sou o povo”. É uma mentira! Os que criaram os povos e suspenderam sobre eles uma fé e um amor, esses eram criadores: serviam a vida. Os que armam laços ao maior número e chamam a isso um Estado são destruidores; suspendem sobre si uma espada e mil apetites. Onde há ainda povo não se compreende o Estado que é detestado como uma transgressão aos costumes e às leis. Eu vos dou este sinal: cada povo fala uma língua do bem e do mal, que o vizinho não compreende. Inventou a sua língua para os seus costumes e as suas leis. Mas o Estado mente em todas as línguas do bem e mal, e em tudo quanto tem roubado. Tudo nele é falso; morde com dentes roubados. Até as suas entranhas são falsas. (NIETZSCHE, 1999, p. 18)

O Estado impede o aparecimento do Além – Homem. Onde há Estado até mesmo aquele homem que não é supérfluo, começa a se envolver em uma redoma de melancolia única e insubstituível. Onde não há Estado “vede o arco-íris e a ponte para o Além-Homem” (NIETZSCHE, 2002, p. 18).

É apenas nessa e através dessa cultura duvidosa, instalada nos estabelecimentos de ensino e que rechaça a verdadeira cultura, que o Estado acredita manter o domínio e alcança seus fins, atacando outras potências hostis e ao mesmo tempo atacando o espírito alemão. E por mais que este tende lutar pela sua própria sobrevivência, seja contra a cultura moderna, seja contra o próprio Estado, Nietzsche (2004), afirma que nem nesta busca individual e mesmo coletiva pela sua própria existência é possível ver qualquer contato com a verdadeira cultura.

Quando na quarta *Conferência da obra Escritos Sobre a Educação*, Nietzsche (2004) destina sua atenção a arte, a crítica soa ainda mais severa, pois na modernidade a arte leva em consideração justamente aqueles efeitos de divertimento, efeitos que a arte pura e sublime não sabe provocar, mas que conduzem à arte degradada e corrompida. A arte visa produção, visa ser aceita e admirada por o maior número de pessoas possível, a arte não é mais em si só a extensão do espírito, mas outro mecanismo para disseminar a cultura da decadência. Ainda há aquele que luta para manter a arte desinteressada e são neste em sustentam toda esperança de uma saída para a reforma da cultura alemã.

Até mesmo a relação com a natureza, nos estabelecimentos de ensino moderno, é repassada de forma incoerente com a cultura autêntica. A forma como é ensinado ao jovem à relação entre o homem e a natureza trata-se de aprender logo uma verdade, a de subjugar a natureza, através de suas ciências se constrói a relação de poder sobre a natureza, de domínio, e não a relação de cumplicidade e contemplação, de onde poderia surgir a única compreensão verdadeira e instintiva da natureza.

Nietzsche (2004), evidencia que não se trata de extinguir os conhecimentos técnicos e científicos a cerca da natureza, mas de valoriza também esta outra relação que deve existir entre o homem e a natureza, relação essa que só será possível através dos estabelecimentos de ensino voltados a cultura. Ou seja, só existe duas vertentes verdadeiramente opostas, neste sentido, os estabelecimentos para a cultura e os estabelecimentos para as necessidades da vida.

se é verdade que a escola técnica e o ginásio, nos seus fins atuais, são em tudo tão semelhantes e não se distinguem senão por detalhes mínimos, de modo que podem

contar com um tratamento igual diante do fórum do Estado – isto ocorre assim porque nos falta completamente um certo tipo de estabelecimento de ensino: o estabelecimento de cultura! Isto não é de maneira nenhuma a recusa dirigida às escolas técnicas que perseguiram até agora, com tanta felicidade e honestidade, tendências bem mais modestas, mas altamente necessárias. (NIETZSCHE, 2004, p. 106)

Nietzsche (2004) propõe duas vias para aqueles que se questionam sobre o significado dos estabelecimentos de ensino. Uma das vias, trata-se de um grande numero de homens que avançam para seus fins lucrativos e individuais, onde uma instituição que é diferente e afastada de tudo que visa fins mais elevados, guiados pelo Estado e divulgam o “desenvolvimento completo da livre personalidade no marco de sólidas convicções comuns, nacionais e humanamente morais” e a outra via que se estende a numero menor de membros, mas que vida um estabelecimento de ensino completamente diferente.

A Universidade é entendida, em seus aspectos essenciais, como uma mera continuação da tendência do ginásio. O ideal de que o ginásio era a preparação para Universidade, apenas, deve cair por terra, o ginásio não só prepara para continuação da decadência nas Universidades, mas para manutenção da decadência na sociedade moderna. Além disso, estimula e até exige de seus alunos uma autonomia prematura, que faz de seus alunos, homens cada vez mais despreparados para resolver e assimilar as questões do cotidiano, das questões mais simples. Autonomia esta que prevalece na vida adulta como julgamentos, são aqueles formados pelos ginásios juízes da modernidade.

No entanto não há autonomia alguma, nem nos ginásios nem nas Universidades, o pouco de autonomia original que existe nos estabelecimentos de ensino básicos é moldada por um padrão medíocre e nas Universidades o que se percebe é que o aluno só se torna capaz de produzir autonomia quando ouve, ou seja, está ligado por um cordão umbilical a esta instituição.

O professor só se dedica, nesta máquina cultural universitária, a falar para vários ouvintes, ao que parece, o professor universitário lê enquanto fala. E os ouvintes escrevem aquilo que conseguem perceber sobre o que o professor fala. “Uma só boca que fala para muitos ouvidos e metade de mãos que escrevem” (NIETZSCHE, 2004, p. 108), um possuidor de fala que é considerado como entidade separa dos ouvintes, uma dupla autonomia, louvada como liberdade acadêmica. Trata-se da educação pela oralidade, onde todo conhecimento e cultura são repassados por via, exclusivamente, oral.

Não existe autonomia, o que existe é uma ilusão de que o aluno universitário pode escolher seus próprios estudos e desenvolver sua própria opinião, ora o que se tem hoje é

mera reprodução de opiniões que nem se quer chegaram a compreender a originalidade das culturas, que nem se quer compreenderam as estruturas dos clássicos, que relacionam conhecimentos falsos ou superficiais, com a utilidade das situações cotidianas. Não existe liberdade em uma instituição em que exige a 'autonomia', em que dita leis e julga como num tribunal.

Livre! Meçam esta liberdade, vocês que conhecem os homens! Construídas sobre os pés de barro da atual cultura dos ginásios, quer dizer, sobre um fundamento que se esfarela, sua fundação fica torta e insegura, se lhe sobrevem um turbilhão de vento. (NIETZSCHE, 2004, p. 127)

É na juventude que estão os problemas mais graves e mais perturbadores, suas próprias experiências os levam a estes problemas, cada acontecimento pessoal na juventude, conduz os homens a uma tempestade de idéias e reflexão sobre o seu próprio cotidiano, é nesta fase da vida que mais precisa de uma mão que o guie, não meramente exija a autonomia prematura, mas forneça todas as bases, estabelecendo bons hábitos, através da repetição, conquistando espaço no trabalho da literatura clássica, sendo educador, ao invés de mero formador.

Nietzsche (2004), porém, esclarece que na modernidade até mesmo este estado natural do jovem de questionar e de uma extrema indigência é polido e controlado, muitas vezes pelos próprios jovens. Os jovens se refugiam nas evidências históricas, mas muito desse refugio é resultado de sua própria formação. A exemplo deste movimento de se apoiar na história está a maneira como a Filosofia é tratada nas Universidades, que lentamente foi retirada a interpretação profunda a cerca dos questionamentos referentes a vida para que fossem introduzidas as investigações e as questões históricas, os jovens se tornaram estudantes da cultura histórica.

agora se trata de estabelecer o que pensou ou não pensou este ou aquele filósofo, se é possível com a razão atribuir a ele este ou aquele escrito, ou se esta ou aquela lição merece ser retida. Agora, nos seminários filosóficos das nossas universidades, os nossos estudantes são dirigidos a este tratamento neutro da filosofia; por isso, desde longa data, adquiri o hábito de considerar esta ciência como um ramo da filologia e de avaliar seus defensores segundo sua qualidade, boa ou má, de filólogos. (NIETZSCHE, 2004, p. 129)

Se este movimento acontece com a filosofia, o que diria então da arte, não há nas universidades relação nenhuma com a arte, uma disciplina artística em que se estuda os movimentos artísticos e suas técnicas, não se compara com contemplação desinteressada da relação que deveria existir entre a arte, cultura e vida. As Universidades se mantêm sem

Filosofia e sem Arte e ainda se propõem como instituições culturais, mas não conseguem manter qualquer relação com as tendências culturais, uma vez que nestas instituições de ensino, onde tanto se prega a autonomia, só há preocupação com o conhecimento científico e histórico.

Por mais que muitos dos jovens universitários tivessem uma atitude honrada diante das três necessidades do instinto, necessidade estas, pelas quais seria possível alcançar a cultura autêntica, que são: primeiro, a necessidade de filosofia, em segundo, instinto artístico e em terceiro a relação com a antiguidade grega e romana, ainda assim não estariam preparados para tais e como poderiam, se nada houve no ginásio e nas universidades através da autonomia, estas preocupações com a formação aprofundada são ainda menores. Os jovens estudantes das universidades, mesmo que sem consciência ou culpa, não passam de “um bárbaro imaginando que é livre”.

3 NIETZSCHE E O MODELO EDUCACIONAL PARA O RESGATE DA CULTURA

O formato em diálogo da obra *Escritos sobre a Educação* (2004) permite dois momentos: o primeiro trata da crítica aos estabelecimentos de ensino e o segundo de proposta pedagógica que tenta solucionar a decadência da cultura estabelecida nas instituições de ensino. Ao mesmo tempo em que Nietzsche (2004) critica os movimentos pedagógicos, que pareciam ganhar cada vez mais força, também demonstra através de propostas cabíveis a esperança de mudança.

O primeiro questionamento apresentado na segunda conferência torna evidente sua proposta de mudança. Nietzsche (2004), através do personagem de mestre filósofo do diálogo que fala ao jovem discípulo, levanta a seguinte questão: “Quanto tempo tu acredita que esta espécie de cultura que te custa tanto suportar vai durar na escola atual?” (NIETZSCHE, 2004, p. 70). A idéia de tendência apresenta-se enfaticamente, pois mais a frente o mestre filósofo acrescenta, “eu não quero te ocultar minha desconfiança a esse respeito: seu tempo já passou, seus dias estão contados” (NIETZSCHE, 2004, p. 70)..

A crítica nietzscheana é uma denúncia a deficiência da formação realizada desde o ginásio até as universidades, pois a educação que se volta para a cultura não deve objetivar um espaço no mercado de trabalho, a educação que pretende a cultura deve aspirar o desenvolvimento integral e harmonioso de todas as capacidades de seus alunos para formar homens cultos, capazes de exercer de maneira plena todas as potencialidades de seu espírito.

A utilidade do conhecimento trabalhado nas instituições de ensino não é o mais significativo, o aprofundamento da cultura clássica é mais importante na formação de homens capazes de conhecer o seu próprio espírito.

O conhecimento prático da vida cotidiana, os eventuais progressos na esfera da técnica e as mudanças na organização social e política são problemas insignificantes ao lado das questões fundamentais colocadas pela condição humana. A melhor maneira de servir à humanidade é entregar – se ao trabalho arduo e penoso de cultivar o próprio espírito. Portanto, o ensino deve ser ensino puro, desvinculado de qualquer objetivo prático e a produção da cultura, produção desinteressada, desligada de qualquer intenção ‘utilitária’. (MARTON, 1999, p. 22)

Não se trata de desconsiderar completamente a vida prática e cotidiana, mas de não considerá-la como centro dos objetivos educacionais. A espinha dorsal da educação e o desenvolvimento pleno do indivíduo, enquanto espírito que vai além das funções atribuídas a um cargo utilitário.

Nietzsche (2004) resgata através de sua crítica a pedagogia grega, onde é fundamental importância do ensino puro e desinteressado, as próprias produções culturais devem ser desinteressadas. Evidencia, também, que a maneira como a língua e a cultura de forma geral são ensinadas, não permaneceriam por muito tempo já que a pedagogia da época era tão fraca e decadente, que qualquer estudioso que não esteja corrompido por ela se assustaria e logo se voltaria contra esta forma de ensino. O passo proposto como fundamental mudança se encontra na base de toda formação, o ginásio, mais especificamente na língua alemã.

Segundo o autor é necessário primeiramente, guiar o aluno do ginásio ao caminho correto, através da autoridade e severidade. Cada professor deve analisar os clássicos linha por linha, e ensinar aos alunos a fazer o mesmo, não se trata apenas de uma análise lingüística, a língua aqui é vista como arte e como tal deve ser analisada com todo cuidado para se buscar a essência de cada expressão. O cuidado não está contido apenas na análise, mas na avaliação da mesma, o professor tem a obrigação de tornar seus alunos atentos aos mil detalhes e reprimir aquele que se utiliza da linguagem jornalística.

O próprio mestre deveria logo mostrar, ao analisar os nossos clássicos, linha por linha, com que cuidado e com que rigor é preciso fazer cada exame, quando se tem no coração um verdadeiro sentimento artístico e diante dos olhos a compreensão total do que se escreve. Ele deveria incessantemente obrigar seus alunos a exprimir o mesmo pensamento mais de uma vez e melhor, e encontraria limite para a sua ação até que os menos dotados chegassem a um terror sagrado diante da língua e os mais dotados um nobre entusiasmo para com ela. (NIETZSCHE, 2004, p. 69)

A proposta que Nietzsche apresenta no diálogo *Conferências sobre a educação e no texto III Intempestiva: Schopenhauer como educador* (2004) é o que o próprio filósofo acredita como a única esperança do *espírito alemão* e de mudança na postura das instituições de ensino para a construção de uma nova pedagógica, elaborada nos seguintes pontos:

Primeiramente no que diz respeito aos parâmetros curriculares devem ser desenvolvidos por educadores, pesquisadores e filósofos, indivíduos que são partes integrantes dos estabelecimentos de ensino e vivenciam os problemas educacionais. Em segundo a necessidade de uma academia de docência, onde aconteça uma formação contínua dos professores por eles mesmos para que assim desenvolva a particularidade de um educador, independente das diretrizes do Estado.

Para tanto é necessário também que haja um número reduzido de escolas de alto nível assim como também de profissionais nestas escolas, uma vez que a “cultura autêntica” e

a educação, são determinações da natureza e por isso mesmo não é destinada a todos os homens, formando assim uma aristocracia cultural. Isso não significa desvalorizar o ser humano, mas a proposta de Nietzsche é uma proposta que valoriza a autonomia do ser humano independente dos aglomerados de sua época.

Nietzsche (2004) propõe que a Filosofia esteja no centro dos sistemas educacionais, sendo que outras disciplinas específicas, sem a filosofia, são incapazes de direcionar os jovens à cultura autêntica, pois os verdadeiros problemas da cultura não se baseiam na economia, política ou nas determinações do Estado como apresenta a cultura erudita, mas sim na própria existência. O homem da ciência assumiu o papel de dono da verdade de dissimulador da educação jornalística baseada no abandono da língua materna e histórica, mero reproduzidor das condições de sua limitada educação.

O estudo da língua materna exige longas pesquisas, compreender e assimilar a fundo o uso artístico e literal dos textos clássicos é um trabalho arduo e difícil, mas que, ainda assim, é necessário no ginásio. Por esta via, pode-se criar no jovem a aversão física diante a ‘elegância’ dos textos jornalísticos e a capacidade de julgar esteticamente as obras clássicas, não se trata de estudar a ciência lingüística e nem é possível alcançar tão grandioso objetivo através dela, mas trata-se de realizar a formação lingüística dos alunos.

Criar o hábito de usar com seriedade e rigor artístico a sua língua materna, buscar as formas para depois discorrer sobre sua própria forma, exige muito mais do que um estudo superficial e acompanhamento mecânico, é crucial a dedicação, são necessários grandes mestres, “não há cultura clássica que se possa crescer sem este sentido aberto à forma” (NIETZSCHE, 2004, p. 78). Para que o laço existente entre o espírito alemão e o gênio grego, seja novamente evidenciado e fortalecido, é necessário que o espírito alemão realize o movimento de busca, enquanto a mais nobre necessidade do espírito alemão não buscar este gênio grego, estes laços não serão restabelecidos.

É preciso, para que haja mudanças, provocar no espírito alemão a vontade despertada durante a Reforma Alemã, paixão destinada aos soldados com a mesma intensidade destinada aos que fazem a educação, necessário uma renovação e purificação verdadeiras do ginásio, mas que só poderão vir a partir de uma renovação do espírito alemão. Mudanças que não incluem todos os que fazem parte do processo educacional, há, segundo Nietzsche (2004), professores que amam sua profissão e se dedicam a dar o melhor de si, mesmo inseridos na atual situação das instituições de ensino, mas que não se despertam neles

qualquer ressonância de combate a pedagogia moderna, não existe nestes profissionais resquícios do espírito alemão.

Com a quantidade de número crescente de estabelecimentos de ensino a nível superior, cresce também a quantidade de professores dotados ricamente da mera produção, ou seja, ocorre na maioria destes estabelecimentos um numero crescentes de pessoas sem vocação, mas que aos poucos e com o passar dos anos, forma um numero esmagador de reprodutores, o que Nietzsche (2004) chama de *similis simili gaudet*, que significa o semelhante se alegra com o semelhante.

Na proposta educacional nietzscheana, a educação de vida a cultura não é possível de acesso a todos, ou em outras palavras a educação de vida formar homens verdadeiramente cultos que consigam compreender a extensão de seus espíritos, não é e não pode ser para grandes massas. É obvio que deve conter uma educação destinada as grandes massas, mas será apenas um ensino elementar obrigatório para todos, formação do povo, de maneira grosseira e artificial.

a formação do povo não é senão opor-se a estas medidas obrigatórias e destruidoras, e conservar esta inconsciência salutar, esta placidez do povo que lhe dá saúde e sem cujo efeito, sem cujo remédio, nenhuma cultura pode se manter, em vista da tensão e da excitação devoradoras dos seus efeitos. (NIETZSCHE, 2004, p. 90)

Aqueles que lutam contra a própria hierarquia natural do intelecto, são os mesmo que destroem as raízes das forças culturais mais elevadas e nobres.

Se na modernidade Nietzsche (2004) vê o Estado como um cavalheiro da cultura, que visa implantar na educação seus interesses, na Antiguidade, o filósofo explora a relação de reconhecimento e admiração que existia entre as instituições de ensino e o Estado, pois o Estado antigo se manteve tão distante quanto possível das considerações utilitárias. O Estado antigo não era um regulador da cultura, mas sim um companheiro de viagem.

O espírito alemão, a qual Nietzsche (2004) se refere tantas vezes em inúmeras de suas obras é explicitado na quarta conferência da obra Escritos sobre a Educação: “Este espírito, ligado aos Gregos pela mais nobre das necessidades, tenaz e corajoso como demonstrou ser num difícil passado, puro e sublime nos seus fins” (NIETZSCHE, 2004, p. 126). e completa ainda com esperança a missão deste espírito na modernidade: “capaz por sua arte de enfrentar a missão suprema, ou seja, a de libertar o homem moderno da maldição do moderno” (NIETZSCHE, 2004, p. 127).

A busca necessária conferida por este espírito, nada tem haver com a cultura, esta que é algo muito maior, a busca e a luta contra o Estado é aí uma luta pela existência, a cultura está acima do mundo das necessidades.

Para que haja cultura, as características mais básicas de uma formação deve ter toda atenção, tais como a língua materna, a arte e até mesmo a relação que os jovens estabelecem com a natureza, é preciso que o jovem tenha um contato instintivo com a natureza, que ele consiga perceber em cada extensão a própria linguagem da natureza, nada de técnicas e conceitos científicos sobre a utilidade das plantas ou das flores, ou o tipo de relevo de uma região, trata-se de compreende-se como parte de cada centímetro da natureza e quem sabe poder transcrever de forma desinteressada e poética a sua contemplação. Trata-se de adquirir “uma unidade, uma coerência e uma harmonia, da qual o homem educado na luta pela vida não pode sequer pressentir” (NIETZSCHE, 2004, p. 129)..

A educação para a cultura é, para Nietzsche (2004), uma obediência e uma habituação à disciplina que caracteriza o gênio. Gênios são os homens raros, que possuem uma autêntica cultura e neles se encontra a esperança para guiar as instituições de ensino a um novo caminho, a um caminho de volta a educação helênica, a educação da Antiga Grécia. As instituições de ensino devem prezar pela filosofia, pela arte e pelo contato com a cultura antiga.

4 O EDUCADOR

Ao problematizar a cerca da educação, Nietzsche (2004) direciona sua análise e crítica não somente a pedagogia moderna mais a todos os campos que constituem a educação, dos estabelecimentos de ensino, ginásios às universidades, da estrutura educacional, dos interesses políticos e influências do Estado, mas ao falar do papel do professor, o filósofo alemão destina um olhar especial e na obra *III Consideração intempestiva: Schopenhauer Educador* relata a importância de um mestre no desenvolvimento do espírito livre.

Nietzsche (2004) inicia sua abordagem sobre o papel do educador, com a crítica sobre os homens modernos os quais ele intitula de rebanho, a principal característica deste é a preguiça, para onde se olha na modernidade há preguiça, todos estão propensos a ela e se escondem atrás de costumes e opiniões, baseiam suas ações em convenções exigidas pelo próximo, temem o olhar dos vizinhos, estão envolvidos em indolência e comodismo.

Apenas alguns homens contemporâneos conseguem ainda perceber e mostrar o homem tal como ele é. Assim, Nietzsche (2004) se refere aos artistas como os poucos modernos que conseguem revelar o homem como ser único e original, em seus mais singulares gestos, “ele é belo e digno de consideração” (NIETZSCHE, 2004, p. 149). Segundo a forma como pretende sua coerência e unicidade.

Ao falar no desprezo que é destinado aos homens, Nietzsche destaca que não se trata de desprezo a tudo que é do homem, mas desprezo ao que o homem se tornou, desprezo a esta propensão a preguiça vista na modernidade. E este o sentimento que se deve direcionar a estes homens que foi despojado do seu próprio gênio e que se deixam guiar como rebanho pela vontade do próximo, estes que aniquilam em si a vontade de ser espírito e ainda tentam prender em caixa de sapatos, grandes águias.

A preocupação com o futuro dos jovens que ainda não foram envolvidos nesta característica da modernidade, conduz a uma esperança de mudança para o futuro, mudança esta que só pode existir se houver o esforço para compreensão da singularidade da nossa existência, abandonando a disposição de viver a partir do próximo, de viver conforme as concepções de outros lugares e a obediência a determinação que se desconhece a origem e a finalidade.

É necessário que o homem consiga aceitar o caminho que o conduziu a si mesmo, mas como? Como conhecer a si mesmo?

O homem é tudo o que viveu, todas as experiências, sensações, sentimentos, mas homem também é esta capacidade de gerenciar e refletir sobre tudo isso, sobre esse conjunto de acontecimento que viabilizam a formação do eu, não se trata apenas de estabelecer as experiências mais importantes ou menos importantes, mas de tomar o mais essencial de cada uma delas, o que ficou marcado no espírito e tomar este objetos a sucessão de acontecimentos formando uma lei, a lei fundamental do verdadeiro eu.

Temos de assumir diante de nós mesmos a responsabilidade por nossa existência, por conseguinte, queremos agir como os verdadeiros timoneiros desta vida e não permitir que nossa existência pereça uma contingência privada de pensamento. Esta existência quer que a abordemos com ousadia e também com temeridade, ate por que, no melhor ou pior dos casos, sempre a perderemos. (NIETZSCHE, 2004, p. 140)

Neste ponto da reflexão nietzscheana que é inserida a primeira grande função do verdadeiro educador, pois, são aqueles que conduziram o espírito jovem a reconhecer verdadeiramente o sentido original e a substancia fundamental de sua essência, algo que deveria residir em qualquer formação e em qualquer educação. Mas é nesta função do educador que está o segredo de uma boa formação, não se trata de procurar membros artificiais para formar o aluno, esta verdadeira formação pretende apenas a libertação. A educação por este viés visa o aluno como uma pedra bruta e o educador de lapidá-la, de torná-la preciosa, não para o mundo e para a sociedade, mas para o próprio aluno.

A figura do educador como o mestre, a relação professor - aluno vai para além de processos burocráticos, é uma relação de convivência e auto conhecimento continuo, o mestre dar “asas” ao aluno para que desde o inicio desenvolva sua criatividade e autonomia, mas ao mesmo tempo dar *freios* para que não se deslumbre com seu próprio poder de ser potência.

A Educação deve lidar, necessariamente com questões de ordem moral e o homem de Schopenhauer é o exemplo do ideal que educa, não somente por seu pessimismo que o possibilita observar a autentica natureza trágica, mas principalmente por sua postura diante da época, “aproximando-se do homem superior através do “amor” e afastando-se das leis e das instituições estranhas à cultura autêntica através da “luta”. (CORREIA, 2003, p. 19)

Schopenhauer aparece na III Intempestiva como o único professor do qual Nietzsche (2004) se orgulha, não uma preocupação na escrita schopenhauereana em se fazer aceito, em tentar convencer o leitor do que esta sendo exposto. Para Nietzsche (2004), Schopenhauer escrevia para si mesmo, para expressar o seu eu, o seu espírito, sem imitações

(característica dos escritores da época) ou formas retóricas. Em uma sociedade decadente de moral, que em todos os cantos há homens que desejam um apoio, que se prendem em vaivém entre o cristianismo de costumes timoratos e a um pensamento da antiguidade, igualmente sem coragem, necessita urgentemente de educadores morais e nunca foi tão difícil encontrá-los.

Ao elencar as características de Schopenhauer, Nietzsche (2004) já lista também as características do que acredita ser um verdadeiro, ser um excelente escritor sem importar-se em persuadir, ser honesto e sereno, a verdadeira serenidade consiste em expor de forma perspicácia seus argumentos, sem gestos ou expressões exageradas, mas agir com segurança e simplicidade, ser constante em suas idéias.

Ser educador é muito mais do que ter uma boa oralidade e erudição, ser educador é ser exemplo, isso vai além da escrita. Essa figura de educador foge aos padrões sociais da Alemanha moderna, este que se importa mais com o desenvolvimento de seus discípulos do que com as meras burocracias institucionais.

A solidão é necessária, na figura do mestre educador, Nietzsche (2004) cita uma característica muito marcante, o filósofo enquanto um pensador solitário, essa solidão não trata-se de isolar-se do mundo, mas de manter a seriedade e o próprio domínio sobre seus pensamentos, não buscar ser o centro das atenções, mas agir para si mesmo e se tornar modelo sem pretensões. Todas estas características fazem formar uma nuvem melancólica a frente destes homens, suas feições são carregadas de expressões dolorosas e cicatrizes de cortes profundos no espírito, carregadas de cicatrizes de uma guerra que somente um espírito livre poderia ter travado.

Eles sabem bem, estes solitários e livres de espírito, que parecerão constantemente, em qualquer circunstancia, diferentes daquilo que eles próprios pensam de si; embora só queiram a verdade e a honestidade, se tece em torno deles uma rede de mal-entendidos; e a violência do seu desejo não poderá impedir, apesar de tudo, que emane de sua ação uma bruma de opiniões falsas, de acomodações, de meias-verdades, de silêncios complacentes, de interpretações errôneas. (NIETZSCHE, 2004, p. 154)

O conhecimento filosófico, ou, qualquer tipo de conhecimento verdadeiramente serio, deve servir para que o homem se volte para a natureza e a compreenda como um todo, e conquistar neste todo uma maneira de corrigir suas loucuras, mesmo que minimamente, almejando um sentido, um está para sua própria existência.

O homem de Schopenhauer aparece com coragem tal que mesmo diante do conformismo de muitos convicções e conhecimentos demonstrar, este ainda se os questiona,

mas assim como em todos os homens, Schopenhauer tem seus princípios norteadores, sua natureza estava envolvida em uma dualidade estranha e extrema: de um lado o pulsar de seu gênio, elevado gênio e consciente de si e de grande atos, enquanto do outro lado pairava a aspiração do mais, desejo pelo qual poucos homens poderiam almejar, o de chegar até o ponto onde o conhecimento e o ser se reconciliam, este ponto se tornava possível na completa apropriação da expressão artística.

Ser solitário, conquistar o equilíbrio entre o conhecer e o ser referencia, e exercitar a dualidade do gênio são as três características do espírito livre evidenciadas na obra que retorna a admiração que é destinada a Schopenhauer, Nietzsche (2004) porém, ressalva que por mais que sejam características grandiosas para o espírito também são de muito perigo, mas são característica cabíveis a todos os homens, o que diferencia tanto a assim o mestre é poucos tem a coragem de aguçá-las tão intensamente. A unicidade gerada por estas três singularidades é algo que para muitos homens é insuportável e atormentador, o que torna Schopenhauer ainda mais único.

Nietzsche (2004) afirma que todo grande homem é produto de sua época e que criticar ao sua própria época é aparentemente criticar a si mesmo. Entretanto essa conclusão é somente aparente. Ao se referir a Schopenhauer, Nietzsche (2004) relata que este grande homem, mas do que qualquer outro conseguiu compreender sua época, não amá-la, mas conseguiu lançar o seu olhar de filósofo sobre esse tempo, mesmo sendo resultado dele, criticá-lo não significa critica-se a si mesmo inteiramente, pois ele já havia vencido o tempo em si próprio e ultrapassar através desse olhar a decadência de sua época, o gênio que há dentro de si permite que a crítica a uma parte de si e a realidade em que esta inserido sem se auto-destruir.

Questionar-se intimamente, se faz necessário para que o homem possa dar o primeiro passo para se educar contra seu próprio tempo e antes mesmo de dar-se a resposta ele deve conhecer profundamente esse tempo de que fala.

Eis que nos surge a seguinte questão: o que significa nesta época o filósofo como educador?

Nietzsche esclarece que há um diferente entre o que é o professor de filosofia e o filósofo, o primeiro se contenta apenas em servir o Estado, tem espírito pequeno e nenhuma das características de um educador citado anteriormente, o segundo é diferente, este “assume para si o sofrimento voluntário da veracidade” (NIETZSCHE, 2004, p. 171)..

O homem de Schopenhauer é encarado como uma criatura estranha para os modernos, um homem verídico de sua existência e em sua existência, um homem muitas vezes do sofrimento, logo, aquele que sentir em seu coração uma orientação tal para buscar a compreensão da sua própria existência dentro da sociedade e época em que se encontra, deve desejar também em seu íntimo ser este homem schopenhaueriano.

ser puro para consigo e para com seu bem pessoal, de uma serenidade admirável no que diz respeito ao conhecimento, ser cheio de um fogo forte e devorador e estar bem longe da neutralidade fria e desprezível do pretento homem de ciência, muito acima de uma contemplação tristonha e desagradável, oferecendo-se sempre ele próprio como a primeira vítima da verdade reconhecida e penetrada, no mais profundo da consciência, pelos sofrimentos que nascerão necessariamente da sua autenticidade. (NIETZSCHE, 2004, p. 172)

O homem schopenhaueriano não tem a pretensão de uma vida feliz, mas deseja alcançar uma vida heróica, alguém que se rebela contra a manipulação do Estado, que deseja expandir seu espírito e não ser um bom cidadão (compreende-se como bom cidadão aquele que cede aos desmandos do Estado. “O heroísmo da veracidade consiste em deixar um dia de ser seu juguete” (NIETZSCHE, 2004, p. 177).

A modernidade está presa ao devir e neste está contido tudo que é oco e mentiroso, o enigma da existência cujo homem deve resolver não pode resolvê-lo senão a partir do ser, sua tarefa passa a ser destruir tudo o que pertence ao devir e trazer a toda essas falsidades, só assim então se dedicar ao ser.

Como devemos esperar então que a nossa educação, a qual é resultado da influência do Estado e de seus interesses camuflados, e que visa a formação de funcionários, apenas para servir, desenvolva nos jovens esse desprendimento do devir em prol do ser, para conhecer a si mesmo e a toda sua potencialidade?

Ainda o espírito mais elevado e mais rico de curiosidade pode se perder e se engessar se não houver aquele que o guie, que o conduza ao seu próprio desenvolvimento. É urgente a necessidade de filósofos educadores, mestres de jovens que tenham em suas entranhas o espírito livre, que deseja se libertar das convenções modernas. Mas será possível que este homem tão nobre e verdadeiramente culto, eduque?

No entendimento de Nietzsche é possível sim. Porém só seria possível se o tomassem primeiro como exemplo de homem, um ideal de homem. Em seguida, Nietzsche (2004) propõe uma cadeia de deveres realizáveis para que se possa compreender e aproximar-se deste modelo ideal de homem, deveres estes que não são para homens isolados, muito pelo contrário, os homens que deles desejam se submeter fazem parte em conjunto com outros

homens de uma comunidade cujas ligações não são de nenhuma maneira e leis externas, mas de um pensamento fundamental.

Esse pensamento fundamental da cultura, só objetiva uma única tarefa a estes homens, “incentivar o nascimento do filósofo, do artista e do santo em nós e fora de nós, e trabalhar assim para a realização da natureza”. (NIETZSCHE, 2004, p.180)

A própria natureza tem a necessidade do filósofo, assim como do artista, para um fim que vá além do físico, para sua própria iluminação, logo, para o conhecimento de si próprio, conhecimento do eu dissolvido na plenitude da natureza, até que este eu não se compreenda mais como parte separada da totalidade, como individual.

Compreender-se como parte de uma totalidade é direcionar um outro olhar inclusive para a cultura e é em torno dela também que o homem schopenhaueriano deve trabalhar. Este conhecimento e a soma de estados interiores é a primeira consagração da cultura. Entretanto a cultura exige mais deste homem, não é o suficiente apenas o conhecimento de si mesmo, mas é necessário que haja o conhecimento sobre o mundo em fluxo que o cerca, e ainda mais que haja ação, ou seja, que haja luta contra todas as formas de decadência da cultura e que possam inviabilizar a objetividade de desenvolver os espíritos livres, trata-se, então, do engendramento do gênio.

O primeiro ponto ao qual deve ser destinada esta luta é o que Nietzsche (2004) intitula de *egoísmo dos negociantes*, que funciona basicamente da seguinte forma: o conhecimento e, conseqüentemente, a cultura estão diretamente relacionados a produção, ou seja, quanto mais houver conhecimento, mais haverá necessidades, por tanto, mais produções, lucro e felicidade.

Segundo esta concepção, o povo seria mais feliz se conseguisse produzir mais, produzindo mais poderiam consumir mais e adquirir mais riquezas, se este é o ideal vigente, cabe a educação apenas formar homens cada vez mais correntes para que possam produzir e ser felizes.

Assim também, a intenção dos estabelecimentos modernos de ensino devia ser a de levar cada um, na medida em que isto está na sua natureza, a reproduzir o modelo “corrente e a de educar de tal maneira, que se extraia do seu grau próprio de conhecimento e saber a maior quantidade possível de felicidade e lucro. Com o auxílio desta formação geral, o indivíduo deveria – esta é a exigência – poder cobrar de si com a precisão, a fim de saber o que poderia ele exigir da vida; e se afirma, enfim, que existe uma ligação natural e necessária entre “inteligência e a propriedade”, “a riqueza e a cultura”, mais ainda, que este liame é uma necessidade moral. (NIETZSCHE, 2004, p. 186)

Segundo a moral que prevalece nesta concepção a educação só deve objetivar a formação para o lucro, trata-se de uma educação rápida para ganho de dinheiro e uma formação muito especificada para o ganho maior de dinheiro.

O segundo ponto sobre o qual deve recair a luta do homem schopenhaueriano é o *egoísmo do Estado*, esta concepção visa a extensão e generalização da maior cultura de seus próprios interesses. O Estado vende a idéia de que ele é o libertador do povo. E o próprio povo compreende que é possível se estabelecer o máximo de felicidade ao maior numero de pessoas. A problemática está no que há por trás deste ideal.

O Estado vislumbra seus interesses vendo a idéia de que se trata de interesses do povo, na verdade o seu único objetivo é produzir o máximo de funcionários para servi-los, e a educação vem como o melhor mecanismo de propagação deste ideal, assim como a ferramenta pela qual é mais fácil de se manter no comando.

em todo lugar em que se fala agora de “Estado cultural”, se vê atribuir a ele como tarefa absolutamente as forças espirituais de uma geração, para que elas possam assim servir e ser úteis às instituições existentes: mas não para ir além delas; do mesmo modo que se desvia em parte uma torrente por diques e canais para, com sua força reduzida, acionar os moinhos – quando então toda sua força seria mais perigosa do que útil ao moinho. (NIETZSCHE, 2004, p. 187)

O terceiro ponto é o incentivo da cultura a todos aqueles que estão conscientes de que possuem um *conteúdo de fealdade e de tédio* e tem a pretensão de mudar através da “bela forma”.

Com os detalhes exteriores, a palavra, o gesto, com a decoração, o fausto e as boas maneiras, trata-se de obrigar o espectador a uma falsa conclusão quanto ao conteúdo: admitindo que se julga habitualmente o interior segundo e exterior. (NIETZSCHE, 2004, p. 187)

Dentro desta concepção, até mesmo o artista tende a satisfazer todos os gostos, a criar para agradar a multidão. A arte se entrega a moda, a falta de dignidade, simplesmente para que possam ser aceitas, ser culto não se relaciona ao conhecimento, nem tão pouco a cultura, mas a adquirir *belas formas*.

E o quarto ponto, o qual cabe atenção especial, pois está mais próximo diretamente dos estabelecimentos de ensino e deste homem schopenhaueriano que educa, é o *egoísmo da ciência*, na modernidade a cultura esta, erroneamente, associada ao progresso da ciência. Segundo Nietzsche (2004), a ciência só é útil para ela mesma, é estéril para o homem e se utiliza deles, assim como há os que servem ao Estado, também há os servidores da

ciência, os eruditos, são deles as ações mais violentas contra a cultura autêntica que poderia se observar nos estabelecimentos de ensino superior.

A ciência está para a sabedoria, assim como a virtude está para a santidade: ela é fria e árida, ela não tem amor e ignora tudo com um profundo sentimento de insatisfação e nostalgia. Ela é útil apenas a si mesma, tanto quanto é nociva a seus servidores, na medida em que transpõe neles seu caráter próprio e assim ossifica de alguma maneira sua humanidade. (NIETZSCHE, 2004, p. 191)

Os eruditos são para Nietzsche (2004), caçadores, que juntam o instinto dialético, com um instinto de contradição e se utilizam da retórica para persuadir seus opositores, além disso, o erudito é capaz de encontrar certas *verdades*. Os eruditos destinam ódio à filosofia, principalmente aos longos encadeamentos lógicos, não se sabe se pela preguiça característica destes homens, ou se pelo receio de que suas máscaras caiam.

O erudito é incapaz de aprofundar qualquer problemática a cerca da educação ou de qualquer tema, pois decompõe a leitura de qualquer texto e fragmenta sua própria escrita, é de natureza vulgar, vestido de crueldade. A ciência com seus eruditos é um jogo com interesses e objetivos perigosos para qualquer homem verdadeiramente espiritualizado, que vislumbra o resgate da cultura.

A natureza dar vida e espírito a estes escolhidos, filósofos e artistas, como se quisesse através deles tornar-se existência inteligível e significativa. O artista e filósofo vão de encontro ao sentido prático e na modernidade, eles, só conseguem atingir a poucas pessoas, enquanto deveriam atingir a muitos. Outrora havia mestres que eram capazes de reconhecer estes espíritos livres, a ajudá-los no seu desenvolvimento, a relação com o homem e a própria natureza era melhor, mas na atual época a situação é de completa desarmonia e a necessidade de grandes mestres parte a porta todas as manhãs.

A tarefa dos educadores, dentro da perspectiva de educação nietzscheana, é de que todos devem apresentar Schopenhauer aos espíritos livres, e através desse modelo de homem, desenvolver seu espírito em todas suas potencialidades, que sabe através do educar não se renasça o gênio filósofo. A maior dificuldade de implantação desta perspectiva é a aceitação, para os tempos modernos, o gênio é uma insanidade. Uma sociedade de valores e conhecimentos medíocres não conseguiria entender tão facilmente o resgate da cultura autêntica.

Pensando a respeito da mediocridade da época e do quanto seria difícil despertar a buscar dos espíritos livres e ao mesmo tempo analisando e apresentando-nos Schopenhauer, Nietzsche (2004) conclui que, apesar de todas as condições adversas, este filósofo se tornou um modelo a ser seguido e tudo o que fez parte de sua história o possibilitou a se desenvolver

todo seu potencial, apesar de todas as situações que o tornaria parte do rebanho, o gênio se sobre saiu as inclinações da sua própria época. Mas até mesmo este grande gênio, teve também seu mestre, o pai de Schopenhauer, o qual Nietzsche (2004) julgava como um homem culto, de traços fortes de personalidade, pulso firme.

Ao falar de Schopenhauer, Nietzsche (2004) enumera algumas das condições pelas quais se torna possível o nascimento do gênio filosófico na época da modernidade, “liberdade viril do caráter, conhecimento precoce dos homens, educação que não visa à formação de um erudito” (NIETZSCHE, 2004, p. 207), em suma, a liberdade. Não a liberdade idealizada pelos seguidores do Estado, pois,

Vista mais de perto, esta “liberdade”, com a qual, como disse já o Estado atualmente contempla alguns homens em benefício da filosofia, isto não tem mais nada de liberdade, é somente um ofício que alimenta seu empregado. O incentivo dado a filosofia consiste então unicamente em que, em nossos dias, o Estado permite, pelo menos a um certo numero de homens. (NIETZSCHE, 2004, p. 209)

O estudo da filosofia e a ação filosófica são os caminhos de uma educação verdadeira, onde se forma gênios e não meros funcionários do Estado. Entretanto, na atual sociedade a própria Filosofia fez concessões ao Estado para que pudesse fazer parte das Universidades, mas estas concessões tendem a descaracterizar a própria essência de ser Filosofia, para demonstrar essa descaracterização, Nietzsche (2004) enumera evidências da influência do Estado na formação filosófica.

Primeiramente, o Estado quem escolhe os servidores filosóficos, ou seja, o Estado determina quem trabalhará para a Filosofia, aquele que questione qualquer determinação do novo ídolo será retirado do campo educacional. Em segundo lugar, aqueles que foram escolhidos são obrigados a permanecer no lugar que convém ao Estado, tornam-se homens pre determinados, e em terceiro, os filósofos se tornam eruditos, e passam a dar aula de história da filosofia e não propriamente de filosofar.

ocorre na nossa época, então a dignidade da filosofia é esmagada; parece como se ela mesma se tenha tornado algo ridículo e indiferente: de modo que todos os seus verdadeiros amigos têm o dever de testemunhar contra esta confusão, ou pelo menos mostrar que somente que somente são ridículos e indiferentes estes falsos servidores e indignos representantes da filosofia. (NIETZSCHE, 2004, p. 222)

O Estado não se importa com a verdade, como faria sentido então esta aliança deste com a Filosofia? A não ser que a Filosofia se destine agora apenas a erudição e manipulação em favor de outros interesses, não em prol da verdade, futuro ao qual, o modelo de educador proposto por Nietzsche (2004), deve combater.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As influências do pensamento nietzscheano para a sociedade contemporânea são notórias, observa-se um grande numero de monografias e pesquisas realizadas com base nas obras do filósofo e trabalhar a partir de um autor que destina criticas tão fervorosas a tradição filosófica foi um verdadeiro desafio. Primeiro porque consiste em ampliar o campo de visão para compreender em que estão fundamentas as criticas e os razões das mesma. Segundo, entender o fato de que trabalhar as criticas realizadas por Nietzsche a tradição, não implica necessariamente em negá-la e diria mais, de certa forma ha reafirmação de aspectos específicos dessa tradição. O terceiro aspecto, consiste em que o seu projeto funciona como auxiliar de que estas criticas forneceram base para outras teorias se desenvolverama a partir daí.

Em quarto lugar, foi um desafio ainda maior entender a linguagem e a forma de escrita utilizada pelo filósofo, uma vez que o estilo adotado é dissociado da problematização do que seu pensamento realiza, onde suas opiniões parecem opostas. Mas na verdade se complementam e até se justificam, a exemplo, o texto base para esta monografia, a obra *Conferências sobre a Educação*, distribuída em cinco conferencias e em forma de diálogo entre um filósofo e seu discípulo, Nietzsche apresenta as criticas aos estabelecimentos de ensino e ao mesmo tempo apresenta alguns direcionamentos possíveis e, finalmente, tentar abranger a problemática em todas suas singularidades.

Entretanto, para compreender a problemática sobre a Educação proposta por Nietzsche, foi necessário, retirarmos-nos do modelo educacional em que, para enfim olhar de forma critica de fora do sistema e identificar nele características apresentadas pelo filósofo. O que me possibilitou um esboço de critica sobre o sistema educacional de nossa época.

A preocupação apresentada por Nietzsche, na modernidade, sobre o caráter meramente formador das instituições de ensino, nos levou a observar e perceber o quanto atual sistema educacional e o este se assemelha a uma linha de produção de uma indústria: com horários rígidos, as matérias são extremamente conteúdistas, nos quais os próprios alunos, muitas vezes, não conseguem compreender a aplicabilidade do que é exposto em sala de aula. Nossas salas de aulas, não podem mais ser vistas como mecanismo de um sistema, estas tem que se expandir para que haja sentido prático à educação.

Essa característica criticada por Nietzsche (2004) e que se assemelha muito aos traços característicos de nossa educação, é o de que a educação está diretamente relacionada à

produção, pois o que se é ensinado nas nossos estabelecimentos de ensino é a utilidade dos conteúdos visando recompensas, quanto mais se estuda, mais se torna o homem culto, mais só pode ganhar dinheiro. O ensino não é visto a partir de que o mais importante, ou seja, o desenvolvimento acadêmico e pessoal do aluno, contudo visa exclusivamente a produtividade e o retorno pecuniário da mesma.

Essa característica é tão evidente que poderíamos citar inúmeros exemplos: desde o ensino fundamental as escolas, tanto públicas quanto particulares, focam a formação de seus alunos para que estes se preparem para os vestibulares e, no ensino médio este foco é ainda maior. Várias ações direcionam os alunos a uma preocupação tensa com a profissão que deve ser escolhida, e estes, geralmente, acabam por dar mais importância ao retorno financeiro que ela os trará sem dar importância a suas possíveis inclinações.

Não se trata de afirma que são todas as instituições, mas de um olhar crítico sobre a maioria. Ao abordar educação e cultura, Nietzsche (2004), nos brinda com a percepção um traço igualmente marcante de nossa época. A educação hoje é trabalhada separadamente da cultura. Basta ficar atento às propagandas televisivas ou aos muitos debates acadêmicos sobre a função da educação na atualidade.

Por um lado, muitas das funções de outras instituições sociais, tais quais a igreja e a família, foram direcionadas para as escolas e toda esperança de mudança na postura social e de solucionar problemas inerentes a toda a sociedade recai também as instituições de ensino. Por outro lado, a educação é vista como salvadora de uma sociedade em decadência, mas qualquer pessoa com o mínimo que senso crítico saberia que só a educação não pode acabar com as mazelas sociais. A educação não está separada da cultura, pelo contrário, é resultado da cultura e se volta para a sociedade de forma renovada.

Quando Nietzsche (2004) se refere ao papel do educador, a reflexão causada é ainda mais profunda, pois a formação em licenciatura em Filosofia tem a finalidade de formar educadores, por mais que possibilite outros caminhos, o fim último do curso é este. De certa forma, isso faz com que nasça uma angústia sobre qual seria o papel do educador em nossa sociedade. E qual seriam o nossos papéis, enquanto pessoas que objetivam se tornar educadores.

Um ponto ficou de fato claro, educar vai além da mera formação acadêmica de um indivíduo, educar exige tempo e disposição, paciência e, principalmente, dedicação, para que aquele aluno possa compreender todas suas potencialidades.

Agora, após reconhecer os resultados de todas as pesquisas e leituras e as possibilidades que esta investigação possibilita, compreendemos o quanto foi importante este exercício de investigação, para a formação profissional e pessoal, enquanto educadores.

REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, F. **Escritos sobre a Educação**. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

NIETZSCHE, F. **Humano, Demasiado Humano**. Tradução: Antonio Carlos Braga. 2ª edição. São Paulo: Editora Escala, 2007.

NIETZSCHE, F. **Assim Falava Zaratustra**. Tradução: José Mendes de Sousa. Fonte Digital, EbooksBrasil.com, 2002. Acesso: Download 17-09-13, às 22hrs.

NIETZSCHE, F. **Considerações extemporâneas**. In: ____. Obras incompletas. Coleção Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo. Editora Nova Cultural, 1999, p.267 – 298.

CORREIA, N. S. **A Pedagogia de Nietzsche**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

MARTON, S. **Nietzsche: uma filosofia a marteladas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

MARTON, S. **Das forças cósmicas aos Valores Humanos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.